

A pele do trauma: retratos de violência nas obras de Jota Mombaça e Adriana Varejão.

Tomás Primo

Doutorando em Filosofia na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/1289757542048350>

otomasprimo@gmail.com

29

*Àquelas de nós que olhamos de perto a rachadura do mundo,
e nos recusamos a existir como se ele não tivesse quebrado.*

Jota Mombaça (2021, p. 28).

“Tudo nos leva a crer que estamos cercadas, que onde há nação há brutalidade, e onde há brutalidade nós somos o alvo.” Assim escreve Jota Mombaça já nas primeiras páginas de seu mais recente livro, *Não vão nos matar agora* (2021). No mesmo ano, a artista plástica Adriana Varejão expôs *Suturas, Fissuras, Ruínas*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, um grande panorama de sua produção que reuniu obras desde seus estudos iniciais, na década de oitenta no Parque Lage, no Rio de Janeiro, até as *Saunas*, fruto de sua produção mais recente. Este ensaio propõe a investigação de uma certa construção de Brasil e de brasilidade, bem como a tentativa de compreensão de um país construído sobre a herança do trauma. A partir de um olhar atento às pistas lançadas no livro de Jota Mombaça, gostaria de propor uma aproximação entre teoria, crítica colonial e estudos *queer*, estabelecendo não apenas uma ponte de tensionamento, mas também de ressonância com a atual exposição de Adriana Varejão, no que ambas artistas apontam para um Brasil – e um mundo – de fato partidos.

Um pedaço. Um fragmento de arquitetura sobre o chão evidencia que estamos falando de uma história em ruínas. Que a pele da construção desse país, que é o nosso, tem carne e músculo. Que se incidirmos nosso gesto, rasgando essa superfície de azulejos coloniais encontramos a ferida dos povos minoritários, negros, indígenas. E que não tem como cavar a nossa história sem falar, em certo ponto, sobre a dor, a existência e o silêncio de povos não brancos, não cisgêneros, não ocidentais, dissidentes de toda norma. Carne é o que constitui corpo. Mas de que corpo falamos quando pensamos no Brasil? Pensar

nessa fase da obra de Varejão é exceder o prazer do belo estético, porque a ferida colonial é talhada na carne. O que se vê então quando se escancara as feridas? Para quantos e quais Brasis Jota Mombaça e Adriana Varejão, de seus lugares tão distintos, apontam? Essas são algumas das perguntas que norteiam os direcionamentos do trabalho.

Palavras-chave: Trauma. Brasil. Jota Mombaça. Adriana Varejão.

Bibliografia

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

OBRIST, Hans Ulrich. *Entrevistas Brasileiras*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

OSORIO, Luiz Camillo. *Olhar à margem*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.